

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **MUSEUS, GALERIAS E COLECÇÕES XXVI. O ARTISTA FRANCÊS EDOUARD BROHY. PRIMEIRA PARTE.**

VITORINO, Pedro

Ano: 1943 | Número: 53

---

### **Como citar este documento:**

VITORINO, Pedro, Museus, Galerias e Coleções XXVI. O artista francês Edouard Brohy. Primeira parte. *Revista de Guimarães*, 53 (3-4) Jul.-Dez. 1943, p. 204-214.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Museus, Galerias e Colecções

XXVI

## O artista francês Edouard Brohy

### (Primeira parte)

Há bons trinta anos adquiria o pintor J. Vitorino Ribeiro num «ferro-velho» do Pôrto grande quantidade de papelada, para cujo transporte imediato foi necessária uma padiola, conduzida por dois homens a pau e corda, como ao tempo era corrente na cidade. Não seria desmesurado o volume, mas o pêso era razoável.

Em casa tomou logo parte de uma sala, que dentro em pouco se mostrava pequena para permitir a ordenação adequada. Pastas e mais pastas. Inúmeros papéis soltos, manuscritos e impressos, cortes de pergaminhos e fragmentos de livros de formatos diversos... Estampas, na grande maioria. E foram as estampas, justamente, a tentação da compra, que, se não constituía uma «pechincha» sob o ponto de vista monetário, redundou num verdadeiro «achado» para a ambição espiritual do coleccionador. As pesquisas entretiveram largas horas a curiosidade e deram margem a aprazimento e a reflexões.

Só o tempo trouxe alguns esclarecimentos, derivados uns da análise paciente dos papéis — feita quando o tempo e a pachorra o permitiam —, alcançados outros por notícias isoladas, no decorrer dos anos. O que o comprador não pôde descobrir, chegou por fim ao meu conhecimento.

Tôda essa papelada — já infelizmente diminuída — era o espólio de um artista estrangeiro que durante

muito tempo viveu entre nós; adquirida na sua terra, em grande parte, como um tesouro, acompanhara-o na jornada.

Documentos vários, em outras mãos, forneciam-me algumas luzes.

Da actividade do artista possuía abundantes provas, entre os papéis adquiridos, mas referências biográficas escasseavam.

Certo dia em casa de um amigo e colega, que durante mais de meio século fêz do *bric-à-brac* no Pôrto entretenimento proveitoso, com deambulações pela França e Inglaterra carreando preciosidades que a nossa incultura regeitava, depararam-se-me exemplares que logo vi estarem ligados ao conjunto adquirido por meu pai.

E então, alguns esclarecimentos colhi.

Esse amigo, associado a um companheiro também antiquário, foi quem primeiro se enfronhou nêsse montão de papéis — ainda no lugar primitivo — que a sorte collocava ao seu alcance. Interessava-o apenas o lado comercial, e procedeu à escolha daquilo que, sob êsse aspecto, lhe parecera melhor. A selecção das estampas — referiu-me — levou-lhe dois meses a fazer!

De essa demorada escolha resultou a compra de uma grande caixa cheia de gravuras, litografias e iluminuras. Entre as gravuras havia uma água-forte de Rembrandt cuja avaliação em Paris foi de cinco mil francos. Entre as iluminuras, quatro eram grandes e perfeitíssimas, uma das quais marcada com as iniciais do autor — que me indicou — e a data de 1553.

O negócio não fôra mau para o comprador, mas se essas preciosidades não tivessem passado a fronteira melhor seria para a colectividade.

A pessoa a quem pertenceu êsse esplêndido conjunto de documentação artística — obtido, sem dúvida, para estudo próprio — foi um pintor francês que muito novo veio para Portugal e aqui terminou seus dias em propecta idade. O seu nome era Émile Edouard Brohy.

Dêle me occuparei, com os abundantes elementos de que disponho, dando algumas notas biográficas, e apreciando-o como artista e coleccionador.

\*  
\* \* \*

Apesar da longa permanência no nosso país — quasi a vida inteira — e da sua grande actividade, manifestada principalmente na arte litográfica, o nome de Edouard Brohy esqueceu quasi por completo. Trista sina de um artista, mesmo talentoso, num meio desinteressado das coisas do espirito.

Apenas o Dr. Sousa Viterbo se lhe referiu, vagamente, num ligeiro artigo intitulado «Um artista desconhecido» (*Bol. da R. Ass. dos Arch. Civis e Arch. Portugueses*, t6mo XI, 4.<sup>a</sup> s6rie, p. 190), a prop6sito de «um pequeno f6lio impresso de um s6 lado com a Explicação das Estampas», de uma projectada edição do livro *Cintra Pinturesca* (1836), que conseguiu «apanhar na papelada que se vendeu a monte, findo o leil6o da livraria» do Visconde de Jerumenha, onde se lia:

«N.º 2 [estampa] — *Fac-simile* de uma vista antiga de Cintra, tirada do lado do sul no XV seculo, por Duarte d'Armas..... gravada na pedra pelo muito habil artista francez mr. Ed. Brohy.»

Sousa Viterbo nota que quando saúu a *Cintra Pinturesca* em 1839, no atlas que a acompanha, as sete estampas pertencem a outros artistas. E escreve: «O nome do *muito habil artista francez* Ed. Brohy não apparece todavia e não sei como explicar esta omissão. Raczynski não o incluiu no seu *Dictionnaire* e não me lembro de o ter visto mencionado em outra parte. Os colleccionadores de estampas talvez possam decifrar ou esclarecer o que se me afigura enygma. Seria para estimar que se determinasse quem foi êste artista e qual o seu verdadeiro merecimento.»

Esta refer6ncia a Edouard Brohy, cujo conhecimento devo à amabilidade do meu illustre amigo Sr. Coronel Henrique Ferreira Lima, é talvez a única alusiva ao artista. A posteridade esqueceu-o.

O desejo expresso pelo Dr. Sousa Viterbo, que é, de resto, o de todos quantos se empenham em esclarecer a nossa história da arte, será por fim satisfeito.

A personalidade do artista, bem como o seu provado merecimento virão agora à luz.

\*

\* \* \*

Émile Edouard Brohy nasceu em Ruão a 27 de Fevereiro de 1811.

Aos 12 anos obtinha dois prémios na *Académie des Arts, de Dessin et de Peinture de Rouen*.

Nesta Academia os prémios, perante os diplomas que tenho à vista, foram os seguintes: em 1823 (3.º prémio de *tête*, e 2.º de *fleur*), em 1824 (4.º prémio de *tête copiée*), em 1826 (1.º prémio de *têtes d'après la Bosse*) e em 1827 (1.º prémio de *antique* (vid. gravura).

Em 1829, o seu mestre de Ruão, pintor Eustache Hyacinthe Langlois, passava-lhe êste certificado, que copio do autógrafo:

«Je certifie que Monsieur Emile Edouard Brohy est mon élève et qu'outre ses heureuses dispositions pour le dessin que j'ai remarquées en lui, son assiduité au travail, ses qualités personnelles et la régularité de sa conduite ont toujours répondu à l'excellente éducation qu'il a recue: en foi de quoi je lui ai délivré le présent certificat pour lui valoir au besoin.

«Rouen ce 23. novembre 1829.

E.<sup>che</sup> Hyacinthe Langlois

(Elève de David) Professeur de l'École gratuite de Peinture et de Dessin de la Ville de Rouen et membre de plusieurs académies Royales, Nationales et Etrangères.,,

La deixar Ruão para prosseguir com os estudos em Paris.

Em 1830 está matriculado na *École Royale et Spéciale des Beaux-Arts de Paris*, secção de pintura e de escultura — conforme o documento original de admissão — onde foi apresentado por «M. Couder, qui répond de ses moeurs et de sa conduite». O documento, datado de 27 de Setembro, com as assinaturas do apresentante Auguste Couder, do secretário perpétuo da Escola, Mérimée, e do aluno, Edouard Brohy, re-

gista apenas a freqüência de dois anos, verificada em Março de 1831 e em igual mês de 1832.

Não continua a estudar, pois que neste último ano obtém o seguinte honroso certificado do seu mestre parisiense:

«Je sous signé certifie que le jeune Edouard Brohy mon Elève a étudié plus une année la peinture sous ma direction; que ses heureuses dispositions, son application au travail et son excellente conduite lui ont concilié l'estime de ses professeurs au même temps que les progrès remarquables de son talent nous font concevoir les plus flatteuses espérances de l'avenir de cet intéressant jeune homme.

«Paris ce 20 Juin 1832.

«Aug.<sup>te</sup> Couder

«Peintre d'histoire ch.<sup>r</sup> de la legion d'honneur.»

As qualidades do aluno podem bem avaliar-se pelos elogios de seus mestres.

De par com os estudos na Escola de Belas-Artes, Brohy fazia cópias de quadros nos Museus Reais do Louvre e do Luxemburgo, para cujo fim obteve autorização de trabalho nas respectivas galerias, passada a 8 de Janeiro de 1830 e válidas até 1 de Abril, — documento êste assinado pelo Director geral dos Museus Reais, o Conde de Forbin.

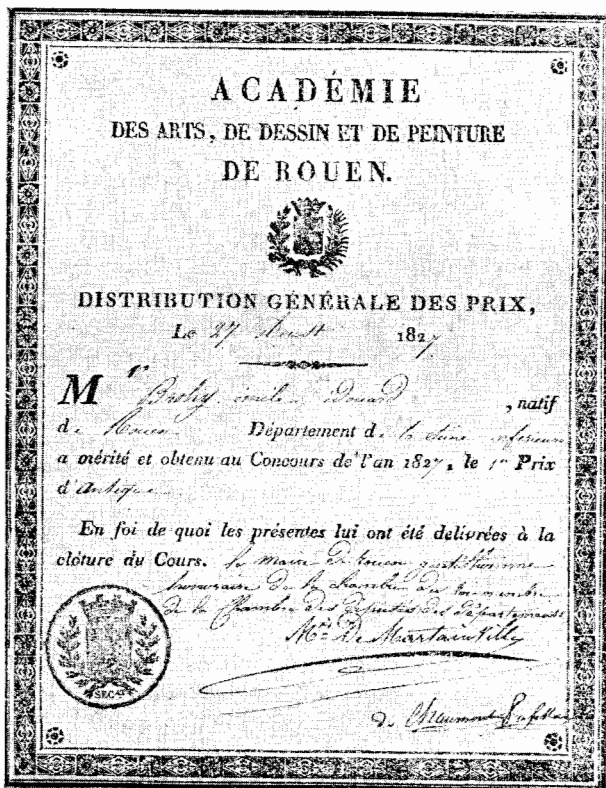
Por certo, as circunstâncias obrigaram-no a suspender os estudos oficiais para enveredar logo na vida prática. Naturalmente dedicou-se ao trabalho de desenhador mesmo em Paris, e muito de supor é que êle fôsse em especial adstrito à arte litográfica, que então na capital da França ocupava alguns dos mais hábeis artistas.

Escapam-me as razões que trouxeram Brohy a Portugal, bem como a data exacta da sua vinda. O certo é que em 1838 já aqui se encontrava como professor de desenho da Casa Pia de Lisboa. Contava então 27 anos.

Nêsse estabelecimento ocupara o lugar de professor da mesma aula, criada em 1834, Maurício José Sendim, que dous anos depois publicava um opúsculo sob o título: *Exposição breve da criação e progresso*

da aula de desenho e pintura estabelecida na Nacional e Real Casa Pia de Lisboa, desde o seu principio até ao presente. Lisboa, 1836.

Emílio Eduardo tinha um irmão Adolfo Eugénio, que ao tempo, como técnico e interessado, dirigia



Diploma de 1.º prémio da Academia de Ruão conferido a Eduardo Brohy em 1827.

os trabalhos litográficos e tipográficos da mesma Casa Pia.

O *Almanak Estatístico de Lisboa em 1839*, dá como professor de desenho da Casa Pia de Lisboa Edouard Brohy, e director da Litografia e Tipografia,

Eugène Brohy, ambos domiciliados na rua da Junqueira, n.º 203.

Por muito penhorante deferência do meu erudito amigo Sr. Coronel Henrique Ferreira Lima, tenho cópia, extraída do Arquivo do estabelecimento, do *Termo de Contracto em sociedade de uma Officina Lithografica, Tipografica, e Impressão em gravura em Chapas de Metal, collocada no Edifício da Nacional Casa Pia em Belem*, lavrada a 7 de Junho de 1838, sendo Administrador Geral José Ferreira Pinto Basto.

Nesse mesmo ano Pinto Basto, rico negociante lisbonense, tomara conta da administração da Casa Pia, onde introduziu melhoramentos de tóda a ordem entre os quais se contavam várias oficinas.

José Ferreira Pinto Basto foi grande amigo e protector dos irmãos Brohy, devendo ter sido êle, conhecedor dos méritos que os distinguiam, quem os levou para o ensino e trabalho na Casa Pia; mais adiante me referirei à acção que tiveram neste estabelecimento.

\*

\* \*

Eduardo Brohy entrou como professor de desenho na Casa Pia de Lisboa, naturalmente, por meio de contrato cuja data e condições desconheço.

Possível é que tivesse sido em tempo aproximado do ingresso de seu irmão Adolfo Eugénio, a que respeita o contrato acima referido e, portanto, em 1838.

As condições desse contrato são curiosas por envolverem uma indústria a explorar na qual Eugénio Brohy entrava como sócio. Entre outras cláusulas, estipulava-se: que o prelo e utensílios tipográficos ficavam a cargo da Casa Pia; que Brohy aprontaria à sua custa todo o instrumental de litografia e impressão calcográfica; que os lucros resultantes seriam divididos, semestralmente, em partes iguais entre o estabelecimento e o «Impressor em sociedade».

Eugénio Brohy, obrigado ao ensino dos alunos na oficina, receberia 20\$000 mensais, em metal, «pagos pela fôlha dos Professores da Casa Pia».

O contrato era por três anos, e no caso de não convir a renovação dêle, liquidadas as contas, a cada



um dos sócios seria entregue o que lhe pertencia, isto é, a parte da Litografia e de Gravura ao sócio impressor, e a Tipografia ao estabelecimento pio.

De cada trabalho que saísse das oficinas, ficavam dois exemplares na Casa Pia e outros dois para uso do sócio impressor.

Por esta última condição é que se encontram várias litografias feitas na Casa Pia entre os papéis de Eduardo Brohy.

A fórmula de «sociedade» parece não ter produzido resultados favoráveis aos interessados, porquanto ao cabo de um ano, o Impressor e a Administração da Casa Pia entravam em discordância.

Por sua parte, também Eduardo Brohy, decerto por solidariedade com o irmão, não se achava satisfeito com o lugar.

As condições de trabalho deviam ser precárias, como más eram, também, as condições higiénicas da Casa, instalada em Belém apenas há cinco anos num edifício conventual velho e inadquado, onde a grande maioria dos alunos se encontrava doente, geralmente com doenças de olhos tornadas incuráveis. Alguns dos educandos que eram surdos-mudos aumentariam assim a sua infelicidade.

Tentou então propor-se a professor de desenho da Universidade de Coimbra, lugar que se achava vago, mediante o necessário concurso, de que teve conhecimento pelos jornais.

Papéis existentes no espólio — minutas de cartas e de memoriais — dão-me conta dessa passagem biográfica, de que não resta o menor vestígio no Arquivo da Universidade de Coimbra, pois, como me informa o ilustre Director desse departamento universitário, o meu prezado amigo Dr. A. G. da Rocha Madahil, «os papéis da Universidade no século passado, nunca foram ordenados, e a Secretaria deu cabo de maior parte da correspondência».

Maior intéresse têm pois as notícias subseqüentes, recolhidas de notas dispersas, que procurarei o melhor possível articular.

Uma carta, cuja redacção definitiva me escapa — pois existem três borrões que lhe respeitam com

variantes — é assim concebida no rascunho que mantém a característica epistolar :

«a Monsieur, Nunes & envoyée le 1.<sup>er</sup> Xbre 1839

«Jusqua present je comptais pouvoir aller vous remercier de l'interet que vous avez bien voulu me temoigner en parlant a Monsieur Joaquim Ferreira Pinto Basto de la place de professeur de dessin a l'université de Coimbra. L'honneur de faire partie des professeurs de l'une des universités les plus renommées de l'Europe me faisait un plaisir d'autant plus grand que c'était un moyen de pouvoir profiter encore de votre conversation agreable et savante.

«J'avais l'intention de me presenter au concours comptant sur l'indulgence de mes juges et l'inspiration de mon desir mais un procès que nous avons avec la Caza-Pia pour decider ces messieurs a payer ce qu'ils doivent a mon frère me met dans l'impossibilité d'obtenir la moindre vacance; ces messieurs ne demandant pas mieux que de profiter de la plus petite chose pour se venger de nous en rompant mon contrat.

«Je vous prie, Monsieur, d'avoir la bonté de me dire s'il n'est pas possible d'être admis a Coimbra sans courir le risque de perdre cette place de Belem pour une autre de laquelle le succès n'est point assuré, etant deja professeur dans une ecole publique a Lisbonne y professant depuis un an et demi et ayant deja des élèves avancés en dessin et peinture de figure et de paysage en ayant qui font le portrait, d'autres de la litographie, quelques uns de la sculpture, etc.

«Je pourrais envoyer une etude de tête peinte a l'huile dans le genre historique, un dessin sur pierre lithographique, et quelques dyplomes de 1.<sup>eres</sup> medailles obtenues pour etudes faites d'après nature et les statues antiques, et y joindre un fragment écrit de ce que j'aurais pu dire dans la partie orale du concours sur les divers sujets cités dans le programme.

«J'ose donc vous prier, Monsieur, dans le cas ou vous penseriez que cela ne soit pas hors du possible d'avoir la bonté de m'en faire part a fin d'expedier mon envoi sitot votre lettre reçue,

dans cette attente, Monsieur, je suis avec la plus parfaite considération votre

tout devoué et respectueux serviteur.»

Como cópia que é, a carta não tem assinatura. Em outras notas, onde há períodos desta carta, que pode não ter sido a definitiva, Brohy põe em evidência as vantagens da arte litográfica — à qual se dedicou muito em particular — afirmando que a utilidade dela «surpasse de beaucoup celui de la peinture et de la gravure car il [l'art lithographique] reproduit avec une rapidité bien plus grande que la gravure et donne pour

bien des choses des resultats presque aussi satisfaisants».

Depois de confessar que a parte oral do concurso seria para êle «la plus embarrassante» — e não lhe faltava razão por ter de falar perante os senhores de uma casa onde a oratória impera — Eduardo Brohy deixa-nos esboçadas algumas considerações teóricas e apreciativas concernentes às artes de desenho, a seguir transcritas.

«J'ai l'honneur de m'avancer dans l'arène non comme ouvrier en peinture mais bien comme professeur de dessin, peinture, anatomie, perspective, sculpture, geometrie descriptive et dessin d'architecture, de gravure a l'eau forte, de lithographie et de gravure sur pierre lithographique.

«Je pense qu'un tableau si bien qu'il soit ne saurait faire un élève passable si personne ne lui expliquait la noblesse et la vérité d'expression qui doit présider aux compositions historiques ainsi que l'arrangement général de l'effet, cette partie si importante et négligée de la perspective aeriennne qui pourtant ce me semble doit s'expliquer comme la perspective des lignes et la theorie des sommres portées.

«L'expression si bien sentie par quelques peintres anciens est impossible a bien rendre si une profonde connaissance de l'anatomie ne vient eclairer l'élève sur l'endroit ou commence a se gonfler le muscle le moins apparent a l'oeil de ceux qui ne sont point initiés encore aux ressorts secrets qui font parler quelque fois si haut a l'oeil de l'observateur une passion qui n'est même pas soupçonnée de ceux qu'ont néglige cette partie si interessante et toujours neuve, si diferente dans chaque individu selon son éducation physique ou morale, étude pour laquelle une nation ne suffit pas et que la vie du peintre ne peut completer qu'imparfaitement car son imagination malgré l'aide de l'histoire ne reussit pas toujours a lui faire rendre d'une manière satisfaisante les expressions heroiques des heros des temps passés ou l'on doit souvent trouver une ame noble et belle sous les dehors ferores d'un guerrier couvert de fer ou de la depouille de quelque animal sauvage.....

«Mes occupations actuelles ne me permettant d'entrer en concours manuel avec les concorrents qui pourront se presenter pour la chaire de professeur de dessin et de peinture de Coimbra, je vais tacher de prouver combien il est plus important pour les élèves d'avoir un professeur amoureux de son art ou pour mieux dire des arts dépendants du dessin, qu'importe a l'élève qu'au lieu d'etre aussi heureux qu'entrepenant il puisse en huit jours epuiser son génie sur une toile ou que travaillant seulement pour aller vite il epuise ses forces pour lui et n'ait plus que de la tiédeur avec les jeunes élèves aux quels l'ardeur et le genie ne manquent que rarement, car elles sont compagnes de la jeunesse qui presque toujours l'emportée par la presomptueuse facilité néglige l'étude indispensable aux arts et qui presque toujours est présentée sans attrait a ceux qui commencent a on sentir l'utilité. Les grands maitres ne sont pas

ceux qui ont fait les plus grands élèves ; Raphael n'a point eu d'élève qui l'ait surpassé et Raphael a passé son maître mais après avoir été nourri des leçons du père Ugino ; Michel Ange, avengle, expliquait à ses élèves les beautés de la sculpture antique. Enfin il semble que pour un élève il faut plus tôt un homme qui ait étudié en travaillant doucement qu'un grand travailleur qui n'a pas le temps de rendre compte de ses observations, et je dois convenir que j'ai plus appris avec les peintres desquels la renommée n'était pas encore fait et qui n'avaient point encore épuisé la force studieuse qui fait que l'on aime avoir les autres profiter de l'étude avec plus de succès et moins de peine.»

Estes judiciosos trechos — que entendi merecerem ser tornados conhecidos — revelam bem a cultura do artista e o apurado sentido pedagógico que o orientava.

Afinal, Eduardo Brohy, por não querer ausentar-se de Lisboa, com receio de perder a aula de Belém, punha de parte a sua pretensão ao professorado universitário, e, pouco depois, também deixava a Casa Pia.

A sua vida, então, havia de decorrer no trabalho eventual de desenhador e de litógrafo e, ainda, no professorado livre.

PEDRO VITORINO.